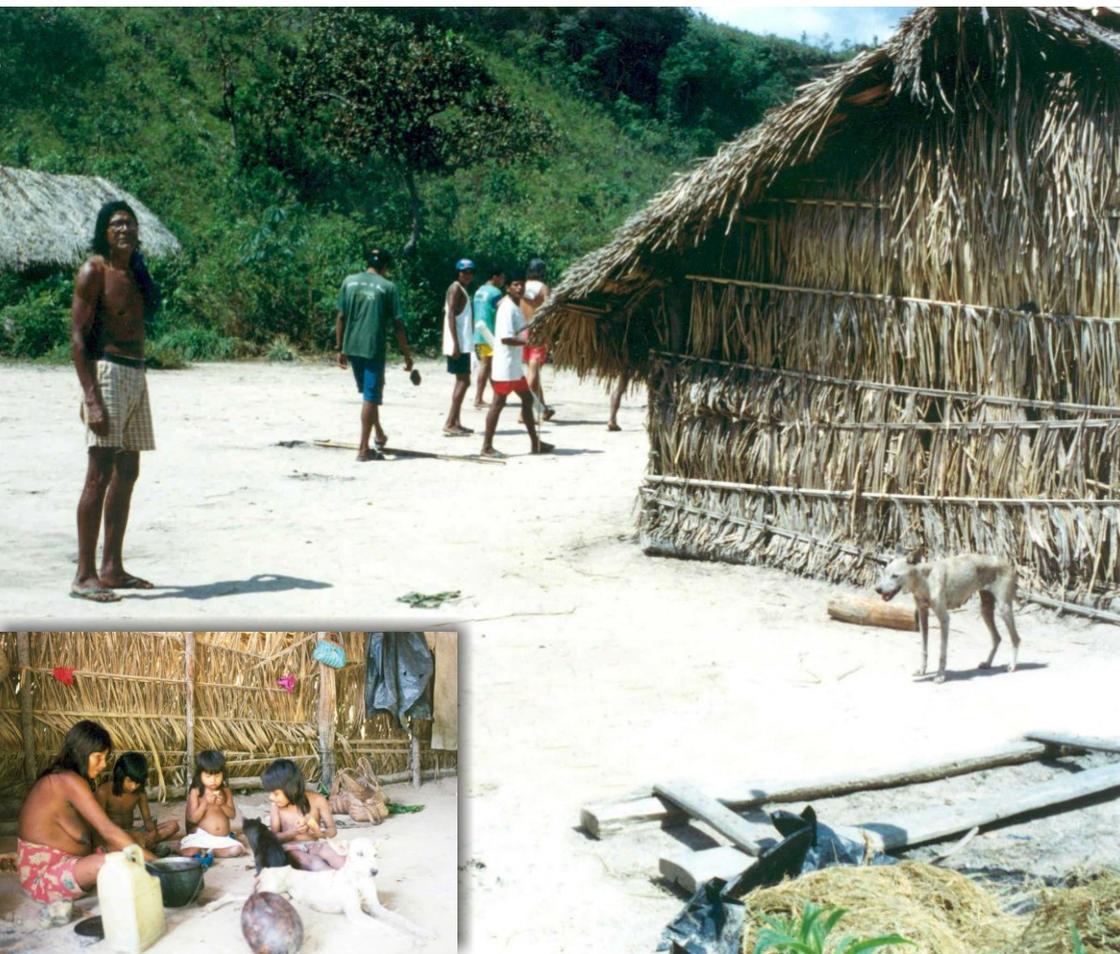


Diagnóstico Indígena Participativo - Aldeia Pedra Branca Terra Indígena Krahô Itacajá - Tocantins





*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Cerrados
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

ISSN 1517-5111

Dezembro, 2001

Documentos 40

Diagnóstico Indígena Participativo - Aldeia Pedra Branca Terra Indígena Krahô Itacajá - Tocantins

Apoio: Kapèy - União das Aldeias
Indígenas Krahô
FUNAI - Fundação Nacional do Índio

Lucimar Moreira
Adriana Reatto
Leide Rovênia Miranda de Andrade
Éder de Sousa Martins

Planaltina, DF
2001

Exemplares desta publicação podem ser adquiridos na:

Embrapa Cerrados

BR 020, Km 18, Rod. Brasília/Fortaleza

Caixa Postal 08223

CEP 73310-970 Planaltina - DF

Fone: (61) 388-9898

Fax: (61) 388-9879

http\www.cpac.embrapa.br

sac@cpac.embrapa.br

Comitê de Publicações

Presidente: *Ronaldo Pereira de Andrade*

Secretária-Executiva: *Nilda Maria da Cunha Sette*

Membros: *Leide Rovênia Miranda de Andrade,*

Carlos Roberto Spehar, José Luiz Fernandes Zoby

Supervisão editorial: *Nilda Maria da Cunha Sette*

Revisão de texto: *Maria Helena Gonçalves Teixeira*

Normalização bibliográfica: *Rosângela Lacerda de Castro*

Editoração eletrônica: *Wellington Cavalcanti*

Capa: *Wellington Cavalcanti*

Tratamento das ilustrações: *Wellington Cavalcanti*

Impressão e acabamento: *Divino Batista de Souza*

1ª edição

1ª impressão (2001): tiragem 100 exemplares

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei no 9.610).

CIP-Brasil. Catalogação-na-publicação.
Embrapa Cerrados.

D536 Diagnóstico indígena participativo: Aldeia Pedra Branca: terra indígena
Krahô: Itacajá - Tocantins / Lucimar Moreira [et al.]... - Planaltina,
DF : Embrapa Cerrados, 2001.

40 p. — (Documentos / Embrapa Cerrados, ISSN 1517-5111; 40)

1. População indígena - Cerrado. 2. Índios Krahô. I. Moreira,
Lucimar. II. Série.

306.08 - CDD 21

© Embrapa 2001

Autores

Lucimar Moreira

Geógr., M.Sc., Sensoriamento Remoto e
Geoprocessamento, Embrapa Cerrados
lucimar@cpac.embrapa.br

Adriana Reatto

Eng. Agrôn., M.Sc., Pedologia, Embrapa Cerrados
reatto@cpac.embrapa.br

Leide Rovênia Miranda de Andrade

Eng. Agrôn., Ph.D., Embrapa Cerrados
leide@cpac.embrapa.br

Éder de Souza Martins

Geól., D.Sc., Embrapa Cerrados
eder@cpac.embrapa.br

Apresentação

A busca de sementes tradicionais na Embrapa, pelo povo indígena Krahô, deu início a uma importante parceria, visando a integrar ações de pesquisa e desenvolvimento voltadas ao conhecimento da Terra Indígena, a conservação dos seus recursos genéticos e a segurança alimentar dos Krahô.

Este trabalho é uma adaptação do Diagnóstico Rural Participativo ao Diagnóstico Indígena Participativo e reúne informações sobre a Aldeia Pedra Branca, que é a mais antiga da Terra Indígena Krahô. Esse diagnóstico é um processo de aprendizagem e auxiliará na compreensão da realidade indígena, dos seus costumes, das crenças e dos valores atuais.

Utilizando as técnicas de Diagnóstico Indígena Participativo, foi possível conhecer um pouco da realidade Krahô. Sabemos que ainda temos um longo caminho para percorrer e que este trabalho é apenas o início dessa etapa, no entanto, importantes informações puderam ser levantadas, trazendo-nos alguns subsídios para a elaboração de estratégias de trabalhos futuros, visando a melhoria do sistema de produção agrícola do povo Krahô, sua principal demanda.

Transformar o sistema agrícola existente na terra indígena Krahô em um sistema de manejo sustentável, de baixo impacto ambiental e que contribua para o bem-estar alimentar da comunidade, sem entrar em choque com os interesses e as tradições culturais desse povo, é o nosso desafio.

Carlos Magno Campos da Rocha
Chefe-Geral da Embrapa Cerrados

Sumário

Breve Histórico	9
Diagnóstico Indígena Participativo (DIP)	13
Introdução	13
Perfil Histórico	15
<i>Elaboração do perfil histórico</i>	15
Caminhada Transversal	16
<i>Quem deve fazer a caminhada</i>	16
Elaboração Participativa de Mapas	17
<i>Confecção de mapas</i>	17
Calendário Sazonal	18
Restituição	19
<i>Restituição do diagnóstico</i>	20
Diagnóstico Indígena Participativo (DIP): de 5 a 10 de maio de 2000	20
Metodologia DIP	21
<i>Respeito à cultura e ao ambiente</i>	21
Resultados alcançados com o uso das técnicas para elaboração do DIP ..	22
Perfil Histórico	22

<i>Exposição do filme</i>	22
Caminhada Transversal	25
<i>Objetivos específicos</i>	25
<i>Fatores observados durante a caminhada</i>	27
Elaboração Participativa de Mapas	36
Calendário Sazonal	36
Restituição	37
Conclusões	38
Referências Bibliográficas	40

Diagnóstico Indígena Participativo - Aldeia Pedra Branca Terra Indígena Krahô Itacajá - Tocantins

Lucimar Moreira

Adriana Reatto

Leide Rovênia Miranda de Andrade

Éder de Sousa Martins

Breve Histórico

A coleta de germoplasma em terras indígenas, realizada na década de 1970, por técnicos da Embrapa Recursos genéticos e Biotecnologia e conservados em câmaras frias de conservação em longo prazo, iniciaram a relação entre a Embrapa e o povo indígena Krahô. Estimulados a plantar arroz e milho híbrido, em pouco tempo, a prática da monocultura fez com que perdessem as sementes tradicionais adaptadas ao seu ambiente. Depois de contatos feitos na Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, os Krahôs souberam que nessa unidade, em suas câmaras frias havia variedades de milho idênticas às que estavam em extinção na aldeia. Receberam um pouco dessas sementes e plantaram-nas em suas roças. Desse contato, originou o projeto “Etnobiologia: Conservação de Recursos Genéticos e Bem-Estar Alimentar em Comunidades Tradicionais”. Compõe o projeto as seguintes ações: coleta e conservação de recursos genéticos; reintrodução e introdução de germoplasma; inter-relação entre etnociência e o conhecimento científico, manejo dos sistemas agrícolas, realizado pela Embrapa Cerrados e documentação das diversas etapas da pesquisa e seus resultados.

Para desenvolver um trabalho dessa envergadura, a Embrapa firmou parceria com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) além de um contrato de cooperação técnica com a União das Aldeias Krahô, Kapèy, com a interveniência da FUNAI. Representando a comunidade Krahô, a Kapèy atua com os objetivos de orientar,

facilitar, acompanhar e prestar as informações necessárias ao desenvolvimento do projeto; fornecer, de comum acordo, amostras para preservação do material genético; e responsabilizar-se pela manutenção desse material reintroduzido e introduzido na reserva.

O povo Krahô vive no nordeste do Estado do Tocantins, na Terra Indígena Krahô (homologada pelo Decreto n.º 99.062, de 7/3/1990), essa terra com 320 mil hectares, está situado nos Municípios de Goiatins e Itacajá. Localiza-se entre os Rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes à margem direita do Tocantins. É considerada uma das maiores áreas contínuas de Cerrado existentes no Brasil (Figura 1).

Mapa do Estado do Tocantins (SEPLAN, 2000)

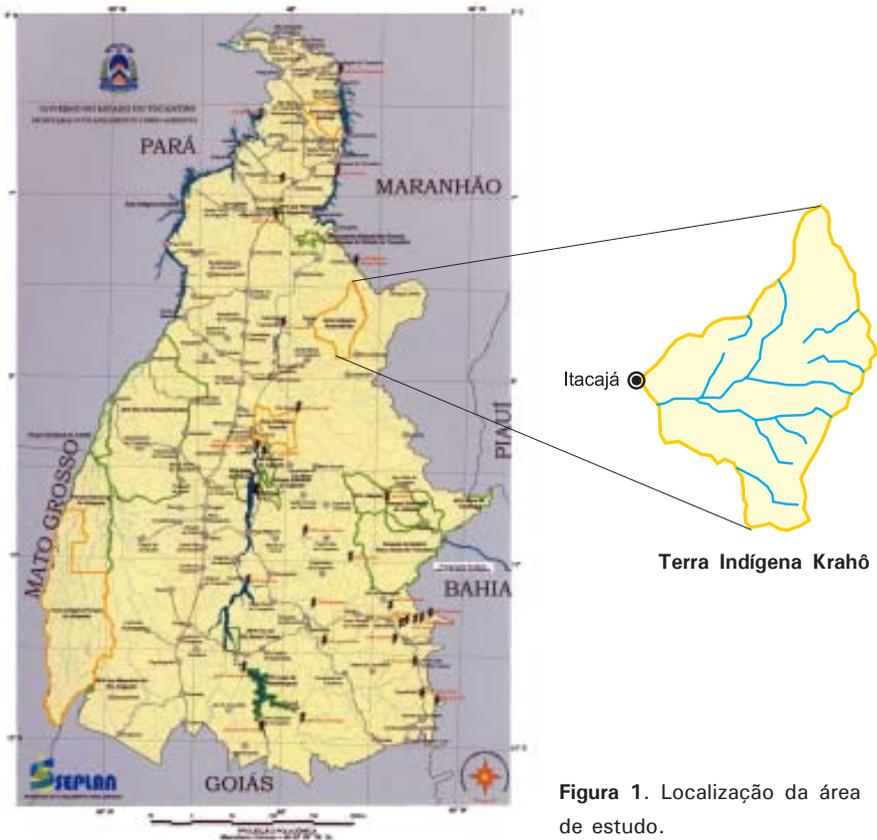


Figura 1. Localização da área de estudo.

Os Krahôs utilizam a técnica tradicional de derrubada e queima da mata para fazer suas roças, atividades realizadas durante a seca. Na estação chuvosa, o plantio é feito sobre as cinzas que constituem a única forma de fertilização utilizada. As áreas são cultivadas por um período que varia de dois a três anos, sendo então abandonadas. Culturas permanentes, como mandioca e frutíferas permanecem no local e, eventualmente, passam a ser importantes fontes de recursos alimentares. Todo o trabalho nessas roças é feito manualmente, com uso de facões, machados, enxadas, enxadões e matracas.

Grande parte dessa terra é constituída por solos arenosos e de baixa fertilidade, afetando os níveis de produtividade e acarretando, em consequência, o abandono das áreas depois de poucos anos de cultivo.

No início, sobreviviam da caça, da pesca e da coleta, desenvolvendo uma agricultura diversificada. A variedade das espécies nas roças diminuiu depois do contato com o homem branco, passando a predominar as monoculturas do arroz e do milho. Com o fracasso dessa prática, aos poucos, o plantio diversificado está voltando a ocorrer.

A língua Krahô é a mesma falada pelos demais povos da etnia Timbira que vivem a leste do Rio Tocantins. A língua timbira faz parte da família Jê, incluída no tronco Macro-jê. Essa é a primeira língua que aprendem a falar, mas os rapazes logo dominam o Português, pois são os indivíduos do sexo masculino que mais se entrosam com os não-índios, e os que mais viajam. Há pouco tempo, apenas algumas mulheres adultas falavam o Português, hoje, percebe-se que um número crescente já o domina. Os índios chamam a si próprios de Mehim, um termo que, no passado, provavelmente, era aplicado aos membros dos demais povos falantes de sua língua e que viviam conforme os costumes dessa cultura. Hoje, Mehim é aplicado a membros de qualquer grupo indígena. Dessa ampliação resultou uma redução do sentido do termo oposto, *Cupe(n)* que, de não-Timbira, passou a significar homem branco ([Mellati, 2001](#)).

No início do século 19, a população indígena Krahô foi estimada entre três e quatro mil. De acordo com o censo do missionário Rafael de Taggia, em 1852, esse número foi reduzido para 620 depois das mortes causadas pelas epidemias de 1849-1850. Talvez sua população tenha atingido seu ponto mais baixo por volta de 1930, aproximadamente, 400 indivíduos. Em 1948, Harald Schultz

calculou que esse número aproximava-se a 500. Julio Cezar Melatti registrou 564 índios em 1962-1963 e pelo menos 632 em 1971, números que incluem mestiços e índios de outras etnias que viviam nessa terra. Em 1989, foram registrados 1198. Em 1999, os próprios índios asseguraram estarem chegando a 2000 indivíduos. Observa-se que é a partir da segunda metade do século 20 que sua população volta a crescer. Nos dois últimos séculos, os Krahôs absorveram membros de várias etnias, entre elas, a Timbira; incorporaram parte dos Põrekamekrá, Kenkateyê, Apinayé e Apanyekrá. Dos não-Timbira, acolheram alguns da etnia Xerente. Além disso, há indivíduos Krahôs com ascendentes brancos ou negros ([Mellati, 2001](#)).

O número de aldeias também aumentou. No início do século 20, elas eram três, atualmente, são 17. As aldeias seguem o ideal Timbira da disposição das casas ao longo de uma larga via circular, cada qual ligada por um caminho radial ao pátio central (Figura 2).

Foto: Renato Sanchez (FUNAI/KAPÉY)



Figura 2. Aldeia Pedra Branca.

A palha está muito presente no cotidiano Krahô. As casas, de duas águas, como as sertanejas, mas sem janelas e com poucas ou nenhuma divisão interna, são cobertas de folhas de palmeira que também preenche as paredes quando não são de barrote (pau-a-pique). No seu interior, vêem-se, dependurados, grande número de cestos de folhas de buriti, usados para transporte, assim como para guardar alimentos e objetos. Há também esteiras trançadas com fibras de buriti, com franjas que forram os estrados de troncos de açaf-bravo que servem de leito.

Comum também é a cabaça, utilizada como recipiente para água, cuja para servir ou guardar alimentos preparados, pequenas taças de uso ritual e na confecção de alguns instrumentos sonoros: a cabacinha com quatro furos; a buzina, na qual completa o gomo de taquara; no cinto de algodão, sob a forma de sininhos sem badalos que se chocam uns contra os outros, usado na cintura pelos corredores, amarrado abaixo do joelho ou socado contra o chão pelos cantadores. ([Mellati, 2001](#)).

O maracá, principal instrumento sonoro utilizado, é feito de cuité (fruto de uma árvore). Com ele, o cantor dirige o canto das mulheres. A música vocal é um dos aspectos mais elaborados da vida ritual e artística do povo Krahô. Urucum, jenipapo e carvão fixado com pau-de-leite são utilizados na pintura do corpo. Jovens iniciados, na fase final do rito, mulheres, no final do resguardo, usam também penas de periquito ou gavião, coladas ao corpo com resina de almécega (espécie de goma). ([Mellati, 2001](#)).

Os Krahôs realizam corridas com toras depois das caçadas, pescarias e trabalhos na roça. As toras para corrida são cuidadosamente confeccionadas com o tronco de buriti, e essa corrida sempre está ligada a um rito em andamento, de modo que o tamanho, o formato e a ornamentação das toras dependem do evento. Cada tora é carregada por um corredor que deve passá-la a um companheiro.

Cerca de quinze aldeias estão associadas à Kapèy. Por sua vez, as aldeias Rio Vermelho, Bacuri e Aldeia Nova fazem parte da *Wyty Cati*, uma associação à qual estão afiliadas também aldeias de outros povos Timbira: Apinayé, Krinkati, Pykobjê e Apanyekra. A sede da Kapèy (Kà = pátio; pej = bom, bonito) esteve situada num local denominado Centro, próximo à aldeia de Água Branca. ([Mellati, 2001](#)). Atualmente, a nova sede está localizada perto da aldeia Campo Limpo.

Diagnóstico Indígena Participativo (DIP)

Introdução

O Diagnóstico Indígena Participativo foi uma adaptação feita com base no Diagnóstico Rural Participativo - DRP.

As informações sobre o Diagnóstico Rural Participativo - DRP foram retiradas de apostilas de cursos.

Esse diagnóstico é um processo de aprendizagem intensivo, sistemático e semi-estruturado, realizado numa comunidade rural por uma equipe multidisciplinar, incluído pessoas da comunidade. Pode ser utilizado para a identificação de necessidades, estudos de viabilidade, identificação de prioridades, monitoria, acompanhamento e avaliação de projetos.

Os propósitos do DRP estão voltados para melhorar a compreensão dos diversos e complexos aspectos que interferem num processo de desenvolvimento rural. Isto significa dizer que o conhecimento da realidade é visto como:

- Um processo e não um momento estanque, isolado;
- Um processo de aprendizagem do conjunto de pessoas presente na área (população local e agentes externos);
- Um processo de aprendizagem que requer tanto a coleta de dados quantitativos, quanto a análise qualitativa dos dados;

Um processo em que os agentes externos buscam não apenas a identificação dos problemas de uma área, mas também a compreensão desses problemas na perspectiva da população que ali vive e mais conhecimentos sobre essa população.

Dentre os princípios que norteiam o Diagnóstico Rural Participativo destacam-se:

- Envolvimento da população local e aumento da participação e da capacidade de atuar nesse ambiente;
- Conhecimento da realidade, tendo como referência a população local;
- Investigação dos assuntos sob diferentes pontos de vista.

Para a realização do diagnóstico, adaptado para a realidade indígena, utilizaram-se de cinco técnicas, relatadas a seguir, com os objetivos: conhecer e compreender melhor os eventos que marcaram a comunidade sob a ótica da própria população; analisar a evolução da comunidade; entender o presente e identificar tendências futuras.

Perfil Histórico

Toda comunidade tem uma história, um conjunto de conhecimentos herdados de gerações passadas que influencia os costumes, as crenças e os valores atuais. Traçar um perfil histórico de uma comunidade significa conhecer os fatos-chave, ocorridos na comunidade ao longo do tempo, de forma cronológica, buscando compreender as conexões entre eles e suas influências sobre a realidade atual.

As informações para a elaboração de um perfil histórico devem ser coletadas por um ou mais grupos de pessoas da comunidade, pessoas mais velhas ou moradores mais antigos. É importante não se limitar a um pequeno grupo, consultando também pessoas comuns da comunidade, como aquelas que exercem liderança. Ouvir homens e mulheres. Deve existir uma independência entre as respostas.

Os fatos e as informações que formarão o perfil histórico serão determinados pelos moradores da comunidade, ou seja, serão os aspectos que eles consideram importantes na sua história. No entanto, a equipe responsável pelo diagnóstico também pode aprofundar aspectos específicos, como a utilização dos recursos naturais ao longo dos anos, mudanças na utilização, propriedade da terra e nos cultivos praticados, entre outros.

Elaboração do perfil histórico

Para recolher as informações, é necessário um conjunto de atividades que incluem entrevistas individuais, e em grupo, consultas a registros e a dados secundários existentes. Nas entrevistas, deve-se deixar claro o interesse de a equipe conhecer a história da comunidade, valorizando os saberes e as experiências dos mais velhos.

Durante as entrevistas, deve-se evitar perguntas sobre anos específicos, dando preferência a momentos ou eventos marcantes. O entrevistador não deve interromper os entrevistados ou mostrar impaciência, dando-lhes o tempo necessário para que possam recordar as situações passadas.

Os pesquisadores deverão organizar as diversas informações obtidas de forma a traçar um perfil histórico da localidade. Depois de elaborar esse perfil, é necessário dedicar algum tempo à análise do histórico a fim de que seja possível

compreender as limitações e as oportunidades já vivenciadas pela população no passado, o que será de grande valia para o planejamento do trabalho futuro ([Atalfin, 2000](#)).

Foi utilizado para a construção do perfil histórico o seguinte material:

- Fita de vídeo reconstituída de um documentário feito pelo geólogo Othon Henry Leonardos, durante expedição pelo Rio Tocantins em 1938.

A fita foi reconstituída pelo filho do geólogo supracitado, homônimo, atual diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília, também presente na exposição do filme.

- Entrevista com diversos moradores da aldeia.
- Memórias de Pedro Penon, índio mais idoso da aldeia Krahô.

Caminhada Transversal

Objetivo: obter características específicas da área de estudo (declives, cursos d'água, tipos de solo, vegetação, entre outros), na perspectiva dos moradores, para facilitar a construção do conhecimento da equipe sobre o meio físico e as interações das atividades humanas nesse meio.

A caminhada transversal é um corte na área em estudo, em que se busca identificar a diversidade de ecossistemas, solos, uso da terra, entre outros aspectos, pela percepção de moradores da comunidade. Somente depois de várias caminhadas desse tipo, é que se pode estabelecer comparações entre as diferentes áreas de uma localidade.

Quem deve fazer a caminhada

A caminhada deve ser feita por pessoas que vivem na comunidade e que tenham bom conhecimento da área e que estejam dispostas a realizá-la. É interessante convidar pessoas diferentes para cada caminhada. Os pesquisadores devem observar, perguntar, ouvir e aprender com a população ao longo desse percurso.

Os aspectos a serem observados durante a caminhada devem ser definidos pela equipe segundo as características da área. Pode-se planejar a observação de: tipo de solo, recursos hídricos, vegetação, plantações. Cada membro da equipe fica responsável pelo registro de um ou mais tópicos. Ao final, conclui-se o diagrama da caminhada, detalhando os tópicos observados em cada segmento. O produto final é, portanto, o conjunto do trabalho do grupo e não apenas o registro de observações individuais. ([Atalfin, 2000](#)).

Elaboração Participativa de Mapas

Objetivos: conhecer os diversos aspectos de uma área rural, na perspectiva dos próprios moradores. É uma forma de compreender como a população vê sua própria comunidade, seus aspectos relevantes, suas limitações, seus problemas, seus recursos, seus pontos positivos e assim por diante.

Esse tipo de mapa também pode ser útil para a localização dos limites da comunidade, das vias de acesso, dos recursos naturais existentes, das áreas cultivadas, localização das habitações e demais estruturas físicas da comunidade. No entanto, é importante ter-se sempre em mente que não é importante nessa técnica o desenho preciso e acurado do mapa da comunidade. O fundamental é ver a comunidade pelos olhos da população, mesmo que o produto final seja um mapa pouco preciso, quanto a escala ou localização.

Esse mapa deve ser feito por pessoas da comunidade, convidadas pela equipe responsável pela elaboração do diagnóstico. O ideal é fazer mais de um mapa da mesma comunidade para conhecer a percepção dos diferentes grupos de pessoas ([Atalfin, 2000](#)).

Confecção de mapas

Para a execução dessa técnica, reuniram-se alguns jovens, homens, mulheres e crianças na escola. Inicialmente, as mulheres não queriam participar porque os homens diziam que elas não sabiam desenhar. Para que elas não fossem excluídas do trabalho, optou-se por formar grupos de homens, de mulheres, de jovens e de crianças. Todos trabalharam com entusiasmo. Os mais velhos não participaram porque disseram que só os jovens eram capazes de desenhar.

Calendário Sazonal

Objetivos: compreender e visualizar as atividades realizadas pela população rural e outros aspectos importantes para a comunidade, mês a mês, e as variações que ocorrem ao longo do ano. Permite, por exemplo, a identificação dos meses nos quais há maior e menor dificuldade para a realização de uma tarefa e a maior ou menor disponibilidade dos recursos.

Podem ser elaborados os mais diferentes tipos de calendário sazonais de acordo com a realidade da área. A título de exemplo, podem-se citar calendários sobre: ocupação do trabalho, incidência de chuvas, ciclo produtivo de culturas, doenças de crianças, eventos sociais, entre outros.

Esses calendários podem ser feitos por quaisquer pessoas da própria comunidade que apresentem semelhanças em termos de obrigações, da posição social, econômica e de acesso a recursos e informações. O importante é garantir que sejam consultados os diferentes grupos de pessoas, pois as atividades e as dificuldades para a realização delas podem variar de pessoa para pessoa.

A elaboração de um calendário sazonal pode variar conforme o assunto a ser abordado como, por exemplo, o calendário das atividades realizadas no ano, visando a conhecer a ocupação da mão-de-obra ao longo dos meses. Inicia-se perguntando que atividades as pessoas realizam no presente mês, anotando-se o que foi dito na coluna referente a este mês. A seguir, repete-se esse procedimento para os demais meses.

Terminada essa etapa de listagem das atividades mês a mês, pergunta-se às pessoas qual o mês ou período em que há mais trabalho ou em que há mais concentração de atividades. Depois, pergunta-se qual o mês em que há diminuição das atividades e as razões dessa diminuição.

Pergunta-se igualmente pelos períodos de maior e de menor disponibilidade de renda, maior e menor disponibilidade de alimentos e outros aspectos relevantes para a área. Terminada essa fase, inicia-se uma discussão com os participantes sobre as informações obtidas, de forma a permitir à população uma oportunidade de análise sobre seu trabalho ([Atalfin, 2000](#)).

Para a elaboração do calendário sazonal, os jovens tiveram uma explicação sobre o GPS (Sistema de Posicionamento Global) e como funcionava. Foram dadas

também, noções de coordenadas geográficas e localização dos pontos nas cartas planialtimétricas e escalas.

Reuniram-se algumas pessoas na escola, homens, mulheres, jovens e crianças e por meio de uma entrevista informal listaram-se as plantas cultivadas, utilizadas para o plantio em época de chuva (*katamyé*), as plantas que eram colhidas na época da seca (*wakmêyé*).

Restituição

Objetivos: encontrar e consolidar respostas adaptadas aos problemas apresentados pela comunidade. Para alcançá-los, o técnico precisa conhecer a realidade dos sistemas de produção e, também, os fatores que determinam a estrutura e o funcionamento deles. Isso justificará os levantamentos que serão feitos, mas não é suficiente conhecer os sistemas de produção e os fatores internos e externos (do contexto socioeconômico regional ou nacional).

Todas as informações recolhidas durante o trabalho (observações, declarações individuais e coletivas, entre outras) devem ser arquivadas para gerar progressivamente uma memória do processo e orientar as diferentes etapas do trabalho.

O tratamento dessas informações, coletadas em diferentes momentos, deve ser cuidadosamente sistematizado. As informações podem ser organizadas, tendo como referências:

- Demanda inicial: quais são as informações que justificam essa demanda? Como se situa a demanda (quando ela é precisa) em relação a outros problemas e a limitações que têm a comunidade?
- Finalidade e objetivos da intervenção: quais são as possibilidades naturais, técnicas, econômicas, humanas que têm a comunidade para fortalecer e melhorar suas condições de trabalho e de existência?
- Lógica que dirige o funcionamento das comunidades: Quais são as diferentes estratégias que existem? Como se ligam às dinâmicas exteriores que chegam até as comunidades e que modificam suas estratégias?

Restituição do diagnóstico

Quando o trabalho de diagnóstico exploratório ou inicial é realizado, é importante apresentá-lo às pessoas que foram direta ou indiretamente envolvidas na coleta de informações. A restituição permite incentivar a participação da comunidade na análise da sua realidade para aumentar a capacidade de fazer propostas adaptadas e de colocá-las em prática.

A restituição permite transformar a relação vertical do técnico com a comunidade em uma relação mais horizontal, bem como a participação da comunidade na etapa do diagnóstico para torná-lo consensual.

Diagnóstico Indígena Participativo (DIP): de 5 a 10 de maio de 2000

Escolha das aldeias

Antes de iniciar o trabalho no território indígena Krahô, foi realizada, no dia 4/5/00, uma reunião no escritório da Kapèy, na cidade de Itacajá-TO, com a seguinte pauta: decidir, com o apoio dos caciques das aldeias Krahô, quais as aldeias que seriam escolhidas para iniciar os trabalhos da Embrapa.

Os critérios da escolha levantados pela equipe da Embrapa foram:

- a) Troncos familiares distintos.
- b) Aldeias mais próximas do contato inter-étnico.
- c) Aldeias mais distantes do contato inter-étnico.
- d) Aldeias mais antigas.
- e) Aldeias mais populosas.
- f) Possibilidade de acesso por estradas.
- g) Agricultura forte.

Depois da discussão entre os Krahôs presentes, ficou decidido que os trabalhos seriam realizados inicialmente nas aldeias Pedra Branca e Santa Cruz, pois estas

atendiam aos critérios preestabelecidos. A equipe foi dividida em dois grupos: um seguiria para a aldeia Pedra Branca e o outro para a aldeia Santa Cruz. À essa equipe, coube desenvolver o trabalho de diagnóstico participativo na aldeia Pedra Branca cujo desenvolvimento foi relatado ao longo deste documento.

Metodologia DIP

No dia 6/5/00, às 6h, os membros da equipe participaram de uma reunião geral no pátio da aldeia (o kã), local onde se definem as atividades a serem realizadas no dia. Depois do pronunciamento do cacique, houve a apresentação da equipe, a exposição dos objetivos e da organização do trabalho. Observou-se que, nessas reuniões, no início do dia, só participam homens e eles ficam posicionados de costas para o sol. Existe uma hierarquia de pronunciamento. O coordenador da Kapèy (Sr. Getúlio) expôs o assunto e todos ouviram, não havendo questionamentos ou perguntas.

Depois do pronunciamento do Sr. Getúlio, ficou decidido que os trabalhos iniciariam na escola, com a quebra do graveto, técnica usada para descontração e sensibilização do grupo. A condutora dos trabalhos solicitou que uma pessoa se oferecesse para quebrar o graveto. Esse graveto foi sucessivamente quebrado e as partes reunidas até o ponto em que não se conseguia mais quebrá-lo. O objetivo foi demonstrar que quanto mais unidas estão as pessoas, tanto mais forte será o grupo.

Respeito à cultura e ao ambiente

O trabalho em comunidades tradicionais, como as dos indígenas, envolve uma série de peculiaridades associadas a fatores sociológicos, culturais e antropológicos. Por isso, o primeiro passo foi ouvir os Krahôs para, a partir de sua realidade e de suas demandas, traçar cada etapa do projeto. Nesse sentido, foram utilizadas técnicas de Desenvolvimento Rural Participativo com a pesquisa-ação, adaptando-se essa metodologia às características da comunidade indígena.

O conhecimento da realidade Krahô ocorreu em cinco etapas. A primeira, chamada História de Vida, teve por objetivo ouvir a comunidade contar sua

história. Na segunda, denominada Elaboração de Mapas, os indígenas representaram, por meio de desenhos, sua percepção do ambiente em que vivem. A Caminhada foi a etapa em que os pesquisadores e os técnicos conheceram as roças e ouviram dos indígenas como plantam e o que plantam. O Calendário sazonal permite a compreensão e a visualização das atividades realizadas pela população e outros aspectos importantes para a comunidade, mês a mês, e as variações que ocorrem ao longo do ano. A última etapa foi chamada de Restituição, momento de sintetizar e apresentar a toda comunidade o que foi observado e os resultados alcançados.

Resultados alcançados com o uso das técnicas para elaboração do DIP

Perfil Histórico

Exposição do filme

Durante a exposição do filme, na escola, houve participação maciça da aldeia. Notou-se que as mulheres não se sentiam à vontade no interior da escola, ficando, em sua grande maioria, do lado de fora.

O presidente da Kapèy, Sr. Getúlio, reconheceu sua mãe no filme, o que permitiu aos membros da equipe concluir que o filme foi feito na aldeia Pedra Branca. Observou-se, também que as mulheres já usavam o *kupenchen* (um pano utilizado como saia). Os homens ainda não usavam calção, como hoje. O arco e a flecha ainda eram usados. Notou-se, de forma qualitativa, que a estatura dos homens era maior e mais forte que a atual. Observou-se mulher pilando e limpando o arroz da mesma forma que fazem ainda hoje.

Em uma das cenas, apareceu um índio Krahô pegando pedaços de fumo de corda, ofertados pela expedição.

Enquanto executavam o exercício da quebra de graveto, utilizado como técnica de quebra-gelo, foi solicitado pela equipe de pesquisa que contassem um pouco da sua história, o que eles ouviam dos seus bisavós; como forma de conhecê-los melhor. Apesar da timidez inicial, algumas pessoas falaram o que sabiam. Em, seguida houve o relato do índio Pedro Penon, já bastante velho e cego. Os

Índios presentes consideraram-no como um grande líder muito respeitado e que gosta de contar histórias. O índio Pedro Penon apresentou-nos um resumo de suas memórias, transcrito nos parágrafos subsequentes. Disse que a alimentação dos antigos era à base de pau “puba” (podre) e cupim. Alimentavam-se também com frutos de buriti, da macaúba e do pequi, além da caça.

Em seguida, contou-nos a história de *Katxékwyj*, a estrela que ensinou ao povo Krahô como aproveitar outros alimentos de origem vegetal, provenientes da agricultura. O primeiro desses alimentos foi o milho, originado de uma planta de grande porte. A *Katxékwyj* mostrou como utilizar esses alimentos. Ensinou a fazer “papuruto” – alimento cozido entre folhas de bananeira em fornos de pedra pré-aquecidos em fogueiras. As sementes de outras plantas alimentícias desceram do céu (mandioca, cana-de-açúcar, cará, feijão, abóbora, melancia, mamão). Segundo ele, os antigos praticavam uma agricultura itinerante, utilizavam a mesma área durante três anos, depois abandonavam-na.

A história mais recente, a partir do século passado, também foi contada por ele. Afirmou que o povo Krahô vivia principalmente na Bahia e em Pernambuco. Depois foram para o Morro do Chapéu no Maranhão. Com a interferência de padres, foram para Pedro Afonso, atualmente, Tocantins. Enfatizou que a área ocupada era muito maior que a atual (“é tudo do índio”). Os fazendeiros entraram em suas terras, expulsando-os dali. Nessa época, os índios mataram dois fazendeiros inimigos (Agostinho e Ventura) que ocupavam a área. Isso provocou o famoso massacre dos índios em Pedro Afonso.

A comunidade indígena foi dividida, formando-se dois grupos: um foi para a Mata Maior e o outro, para a Mata Pequena, já na Área Krahô atual.

A Aldeia Pedra Branca é a mais antiga, tendo passado por três locais. O primeiro estava localizado sobre uma serra, alta e plana (testemunho, do ponto de vista geomorfológico), com nascentes de água, a aproximadamente 10 km da aldeia atual. O material encontrado no local era um tipo de barro branco, o índio Penon designou, como toá. As características desse material determinaram o nome da aldeia.

Outro material do solo que ressaltou foi o “barraria”, terra muito forte, que fica próxima à sede do Kapèy. Caracteriza-se por ser um barro vermelho, muito rico, cuja área eles querem preservar.

Por último, ressaltou os problemas que existem atualmente. “Os novos são cachaceiros e não respeitam as casas alheias” quando estão alcoolizados. “Os novos devem parar de beber”. “Eu não bebo”. “Os *kupen* (homem branco) destruíram a caça”. “Roupa traz doença”.

Em visita à casa dele, o pesquisador Éder, levado por Getúlio, coletou mais algumas informações. Getúlio, criado pelo índio Pedro Penon, afirma que os dois grupos existentes dentro da Área Krahô (Cachoeira e Galheiros), divididos geograficamente, ao norte e ao sul, respectivamente, do Córrego Riozinho, apresentam conflitos de interesses (“fuxico corre primeiro que a verdade”). Por isso, há dois anos faz um trabalho visando à união desses grupos com a aprovação de Pedro Penon para melhorar a Área Krahô. Ele quer só “brigá no papel, prá aumentá a área dos Krahô no Senado”. Por isso, quer ajuda, por meio de parcerias que designou de “projetos”.

Nessa visita, o índio Pedro Penon (Figura 3), ressaltou a grande importância do acordo do Kapèy com a Embrapa. Afirmou que a cacique (“*pahi*”) da aldeia Santa Cruz, a índia Onorinda, é “aprovada” por ele, mesmo sendo mulher, pois foi ensinada pelo pai dela, seguindo as tradições.

Foto: Lucimar Moreira



Figura 3. Índio Pedro Penon relatando a história do Povo Krahô.

Utilizando a técnica, os membros da equipe deveriam identificar pessoas-chave para entrevistar, mas diante da dificuldade em escolher essas pessoas e para evitar uma situação de ciúme (preferência), optou-se pela visita a todas as casas para ouvir um pouco de história de cada um. Os técnicos dividiram-se em duplas e foram visitar as casas dos Krahôs.

Em algumas, foi possível conversar e saber um pouco mais das histórias e do cotidiano das pessoas.

Caminhada Transversal

Objetivos específicos

Realizar um diagnóstico sobre a forma como o povo Krahô conduz sua agricultura, além de obter informações por meio de entrevistas com as pessoas da comunidade escolhidas para acompanhar os membros da equipe. Durante a caminhada, observou-se o uso dos recursos ambientais (rios, matas, solos) e vegetais (espécies cultivadas) pelo povo Krahô.

As informações obtidas nessa etapa, foram anotadas na cardeneta de campo, com registros sobre amostras de solo, fotografias da paisagem, a forma de ocupação do solo na atividade agrícola, as espécies cultivadas, aspectos aparentes de produção e fitossanidade das plantas ([Fotos 4 e 5](#)). Procurou-se também observar a ocorrência de espécies com potencial para uso como adubos verdes e controladoras de erosão para posterior trabalho utilizando essas práticas na comunidade ([Foto 6](#)).



Foto: Leide Rovênia

Figura 4. Amostragem de solo em Mata de Galeria – técnicos da Embrapa e jovens Krahôs.

Foto: Leide Rovênia



Figura 5. Vegetação de Campo Sujo próxima à Aldeia Pedra Branca.

Algum tempo depois de iniciada a caminhada, já tendo percorrido alguns quilômetros, observou-se a vegetação típica de Cerrado (Figura 7). Nas proximidades do Ribeirão dos Cavalos, a vegetação tornou-se mais densa, formando uma Mata de Galeria (Figura 8), o solo, nitidamente mais escuro, indica o ambiente mais úmido e maior teor de matéria orgânica.

Foto: Leide Rovênia



Figura 7. Vegetação típica de Cerrado – Aldeia Pedra Branca.

Foto: Leide Rovênia



Figura 6. Erosão na área da antiga pista de pouso de avião – Aldeia Pedra Branca.

Foto: Leide Rovénia



Figura 8. Mata de Galeria próxima ao Ribeirão dos Cavalos – Aldeia Pedra Branca.

Fatores observados durante a caminhada

a) O Solo

O tipo de solo observado ao longo da caminhada, bem como de boa parte da Reserva, é constituído basicamente de areias quartzosas. Esses solos apresentam baixa Capacidade de Troca de Cátions (CTC), baixos teores de nutrientes, baixa capacidade de retenção de umidade e alta susceptibilidade à erosão. A capacidade produtiva desses solos, portanto, é altamente dependente da manutenção da matéria orgânica e das plantas de cobertura. Tais solos são predominantes sob vegetação de Campo Limpo, Campo Sujo e Cerrado.

Próximo ao Rio Ribeirão dos Cavalos, foram observados solos com maiores teores de matéria orgânica, argila e nutrientes, constituindo solos Hidromórficos Glei Húmico e Glei Pouco Húmico. Solos orgânicos foram encontrados às margens daquele rio.

b) A vegetação nativa e a cobertura vegetal atual

Ao longo do percurso, observou-se que próximo à aldeia Pedra Branca, a vegetação é de Campo Sujo, com predominância de gramíneas ([Figura 5](#)). Foi

relatado que há alguns anos (não precisados) aquela área havia sido ocupada com a antiga aldeia. A desocupação dela foi devida, principalmente, à degradação do solo (erosão) no pátio interno (Kà) e nos quintais, atrás das casas. Verificou-se, também, a ocorrência de início de formação de voçoroca (Figura 6), que curiosamente estava em um relevo com pouca declividade. Segundo informações, aquela tinha sido uma antiga pista de avião. Observou-se, igualmente, que algumas espécies vegetais começavam a surgir na base da área de solo erodido.

Já nas áreas utilizadas para a agricultura e em pousio há 1 ou 2 anos, a vegetação predominante é composta de espécies de folhas largas (Figura 9), em relação às gramíneas que surgem como pioneiras logo depois do abandono da área (Figura 10).

Foto: Leide Rovênia



Figura 9. Vegetação típica de áreas em pousio há 1 ou 2 anos – Aldeia Pedra Branca.

Figura 10. Aspecto da vegetação, com predominância de gramíneas, em áreas recém-deixadas em pousio (aproximadamente 1 ano) depois de terem sido cultivadas por 1 ou 2 anos.



Foto: Leide Rovênia

c) O recurso água

O território Krahô é relativamente rico em recursos hídricos, com rios e riachos de águas cristalinas e ainda não poluídas (Figura 11). A baixa capacidade de retenção de umidade do solo arenoso e a ausência de outros sistemas de irrigação determinam a localização das roças nas proximidades dos cursos de água.

Próxima às roças da aldeia Pedra Branca, localiza-se a Bacia Hidrográfica do Ribeirão dos Cavalos, tendo como um dos afluentes o Rio Galheiros.

Foto: Leide Rovênia



Figura 11. Vereda próxima à Aldeia Pedra Branca.

d) Utilização do recurso solo na atividade agrícola

O tipo de agricultura utilizado pelo povo Krahô é a “agricultura de toco”, isto é, derrubada e queima da mata e cultivo. No processo de queima, os nutrientes contidos nas cinzas aumentam a fertilidade do solo, propiciando, inicialmente, boas colheitas. De acordo com os relatos, o uso de área recém-desmatada se dá por um período que varia de dois a três anos quando decresce a produtividade das culturas. A área é abandonada, desmatando-se outra com o mesmo objetivo. Deduz-se que a queda da produção ocorre, pois os nutrientes oriundos das cinzas, que estão na forma bastante solúvel no solo, são exauridos rapidamente, quer pela retirada do material colhido, quer pela lixiviação, uma vez que em solos arenosos há reduzida capacidade de fixação desses nutrientes. De acordo com o Fernando Schiavini, indigenista da FUNAI, que convive com esse povo há 20 anos, a reutilização dessas áreas para cultivo é feita depois de um período relativamente longo de pousio. Entretanto, nenhuma das pessoas que nos

acompanhava relatou a ocorrência de tal prática em suas roças. Hoje, a maioria das roças da aldeia Pedra Branca encontra-se a uns 12 km de distância dessa aldeia.

e) As roças: espécies cultivadas e sistemas de plantio

Para se chegar às roças, em determinado local, tivemos de atravessar o Rio Galheiros e entramos na área de propriedade de Dadonim (proprietário não indígena). Margeando o rio, havia uma pastagem semeada de *Brachiaria brizanta*, aparentemente, com boa massa vegetal, não pastejada (não foi visto nenhum animal). Ao cruzarmos outra vez o rio para a Terra Krahô, encontramos as primeiras roças. Observou-se que as espécies mais cultivadas, em termos de área, eram o arroz, a mandioca e o guandu.

As roças estão localizadas próximas aos rios e, portanto, das Matas de Galeria. Não se observou o emprego de irrigação suplementar para as plantas, como canais. A baixa capacidade de retenção de umidade do solo arenoso e a distância do recurso água são fatores que restringem o cultivo nas áreas de Cerrado.

Uma área bem próxima à Mata de Galeria havia sido desmatada recentemente para o cultivo do arroz. As plantas ainda se encontravam em fase de enchimento

de grãos, folhas bem verdes, sem sintomas aparentes de deficiência de nitrogênio (N) e com bom aspecto fitossanitário (Figura 12). De acordo com informações, essa roça havia sido plantada atrasada em relação às chuvas e estava, portanto, sujeita a deficit hídrico no final do ciclo. O dono estava doente e não podia caminhar uma distância tão longa para cuidar de sua roça.



Foto: Leide Rovênia

Figura 12. Plantio de arroz em área recém-desmatada, próximo a Mata de Galeria.

Continuamos a caminhada e, em uma área próxima a esta, havia outra roça de arroz, com as plantas no estágio final de desenvolvimento, apresentando cachos carregados (Figura 13). No percurso, paramos em uma casa de apoio (entrepasto) onde puderam ser vistas algumas sacas de arroz a serem transportadas até à aldeia.

Foto: Leide Rovênia



Figura 13. Aspecto da cultura do arroz em estágio final de desenvolvimento, cultivado em roça da Aldeia Pedra Branca.

Devido à importância no hábito alimentar da comunidade indígena, a mandioca era uma espécie presente em todas as roças visitadas (Foto 14). As plantas apresentavam, de maneira geral, bom aspecto vegetativo, sendo cultivadas em sistemas de consórcio (com arroz e guandu) e também no sistema conhecido como cultura solteira.

Foto: Leide Rovênia



Figura 14. Mandioca consorciada com arroz e guandu.

Em uma das roças, verificou-se cultivos consorciados de mandioca com arroz (nos seus primeiros estádios) e com guandu. O consórcio com o guandu (Figura 15), aparentemente se dá de maneira bastante harmoniosa para as duas espécies. Entretanto, por causa do porte elevado do guandu (provavelmente guandu-Kaki) e naquela densidade de plantas, prevê-se certo efeito negativo por causa do sombreamento. Nessa roça havia pouca infestação de ervas-daninhas (Figura 16) entre as plantas.

Foto: Leide Rovênia



Figura 15. Mandioca cultivada em consórcio com guandu.

Foto: Leide Rovênia



Figura 16. Aspecto da vegetação espontânea entre as plantas de mandioca.

Foi observada uma tentativa de consorciar o arroz com guandu e mandioca, mas o sombreamento causado pelos ramos e folhas daquelas espécies aparentemente teve efeito negativo sobre o arroz (Figura 17). Quando cultivado com plantas de mandioca ainda em fase inicial de desenvolvimento, o arroz apresentava bom aspecto vegetativo.

O guandu estava sendo cultivado em roças de períodos de uso (portanto, de fertilidade de solo) diferentes, mas apresentava vigor vegetativo semelhante (Figura 18). Isso parece demonstrar adaptação dessa espécie àquele ambiente (regime hídrico, solo). Não foi mencionado se as ramas do guandu são utilizadas depois da coleta dos grãos, como adubo verde.

Foto: Leide Rovênia



Figura 17. Guandu, mandioca e arroz cultivados em consórcio.

Foto: Leide Rovênia



Figura 18. Aspecto da cultura do guandu cultivada em roças da Aldeia Pedra Branca.

f) As casas de apoio e seus quintais: produção e transporte

Devido à grande distância entre a aldeia e as áreas cultivadas, as pessoas envolvidas com a roça são obrigadas a se ausentar de suas casas nos períodos críticos em que as culturas exigem cuidados, como plantio, capina, colheita. Com o objetivo de dar suporte a essas atividades, existem casas de apoio, ou ranchos, ocupados durante o período de trabalho agrícola (Figuras 19 e 20). Essas casas são bastante semelhantes às da aldeia, inclusive, os quintais. Nelas são guardados os implementos como enxadas, facões, machados, matracas, entre outros, armazenadas as sementes e o produto colhido (sacas de arroz, pencas de banana). O transporte desse material é feito, quando possível pela Toyota da Kapèy, por uma estrada localizada em área de difícil acesso (solo acidentado). Na impossibilidade de se utilizar a Toyota, o transporte é feito pela própria pessoa, tornando essa atividade bastante difícil.



Figura 19. Casas de apoio localizadas próximas às roças, distantes cerca de 12 km do pátio da Aldeia Pedra Branca.

Foto: Leide Rovênia



Foto: Leide Rovênia

Figura 20. Família Krahô se muda temporariamente para as casas de apoio no período da colheita.

No terreiro das casas de apoio, havia grande diversidade de espécies cultivadas, como batata-doce (Figura 21), urucum e guandu (Figura 22), cana-de-açúcar, abóbora, gergelim, cultivadas com baixa densidade de plantas, de forma aleatória, sem espaçamento definido. A produção é, aparentemente, destinada ao consumo dos indivíduos durante a permanência na roça. O milho, que já havia sido colhido e a banana, de aspecto muito bom, (Foto 23) estavam sendo cultivados em maior escala em áreas mais afastadas dessas casas.

Figura 21. Batata-doce cultivada nos quintais das casas de apoio.



Foto: Leide Rovênia



Foto: Leide Rovênia

Figura 22. Urucum e mandioca cultivados nos quintais das casas de apoio.



Foto: Leide Rovênia

Figura 23. Banana produzida em roças da Aldeia Pedra Branca.

Elaboração Participativa de Mapas

A interpretação do espaço físico é distinto para homens, mulheres e crianças.

No desenho masculino, visualiza-se o espaço físico começando dos rios, cenas, isto é, começa dos recursos naturais e chega até a aldeia.

No feminino, esse espaço físico parte da casa para aldeia; e no desenho das crianças, o universo é a aldeia e bichos diversos.

Foi observado que a presença do pátio central na (Kã) é muito marcante, porque em 90% dos desenhos ele estava presente.

Alguns desenhos são muito precisos, inclusive, o mapa desenhado por Miguelito Krahô, utilizado como referência para as coletas de solos que foram realizadas nas roças.

Calendário Sazonal

Os Krahôs forneceram informações sobre espécies cultivadas e silvestres que foram relacionadas pelo nome comum e pelo nome em Krahô.

Tabela 1. Espécies plantadas na época das águas (*Katauyê*) e de plantas colhidas na época da seca (*Wakmeyê*).

Nome popular	Nome em Krahô	Colheita na seca
Abóbora	<i>cuhkoncahàc</i>	∅
Amendoim	<i>cahy</i>	∅
Andú (guandu)	<i>anture</i>	
Arroz	<i>aryyhy</i>	∅
Banana	<i>pananxó</i>	
Batata doce	<i>yót</i>	
Cabaça	<i>cuhkôn</i>	∅
Cana-de-açúcar	<i>can</i>	
Cará	<i>caràm-pa</i>	
Croá	<i>pàrxô</i>	
Fava	<i>pankrjt</i>	∅
Gergelim	<i>xixire</i>	∅
Inhame	<i>crerô</i>	
Junça	<i>capare</i>	∅
Mandioca	<i>kwyr</i>	
Melancia	<i>proxi</i>	∅
Milho	<i>pôhy</i>	
Pimenta	<i>pàrhyti</i>	∅

Tabela 2. Listagem de algumas espécies que a população indígena da aldeia Krahô de Pedra Branca alimenta-se na época das águas e da seca, segundo relato deles (aos alimentos consumidos na seca, somam-se o Jatobá e a Macaúba).

Nome popular	Nome em Krahô
Abóbora	<i>cuhkoncahàc</i>
Araticum (brutu)	<i>wacatê</i>
Arroz	<i>aryyhy</i>
Bacaba	<i>capêr</i>
Buriti	<i>crow</i>
Caju	<i>ahkryt</i>
Jatobá	<i>pôj</i>
Mandioca	<i>kwyr</i>
Manga	<i>?</i>
Mangaba	<i>apên</i>
Milho	<i>pôhy</i>
Pequi	<i>prin</i>

Restituição

Foi realizada em forma de painéis, utilizando figuras recortadas de revistas e desenhos feitos pelos Krahôs e por membros da equipe.

A equipe começou apresentando o trabalho, utilizando o mapa do deslocamento do povo Krahô desde Carolina (MA) até Pedro Afonso e, em seguida, até Itacajá.

A seguir está listada uma seqüência cronológica da restituição apresentada à comunidade Krahô.

- 1 – Mapa do deslocamento;
- 2 – História da estrela mulher;
- 3 – O ambiente em outros tempos;
- 4 – A alimentação antiga;

- 5 – O Krahô antigo, a mulher Krahô antiga;
- 6 – A aldeia antiga;
- 7 – Tradições, maracá;
- 8 – Corrida de tora;
- 9 – A alimentação atual;
- 10 – Aldeia atual;
- 11 – Mapa da aldeia na visão masculina;
- 12 – Mapa da aldeia na visão feminina;
- 13 – Mapa da aldeia na visão das crianças;
- 14 – Lazer, futebol.

Depois da apresentação, alguns indígenas reforçaram-na traduzindo para a língua Krahô.

O Sr. Getúlio fez comentários de como a vida do povo Krahô modificou-se com a intervenção dos brancos. O Sr. Dadorin (Aldeia Manuel Alves), ressaltou que eles tiveram acesso a muitos produtos dos brancos, mas não tiveram orientação de como utilizá-los. Enfatizou os problemas ambientais, como o lixo.

Conclusões

Utilizando as técnicas de Diagnóstico Rural Participativo adaptadas para um Diagnóstico Indígena Participativo, foi possível conhecer um pouco da realidade Krahô. Sabemos que ainda temos um longo caminho para percorrermos e que este trabalho foi apenas o início dessa etapa, no entanto, importantes informações puderam ser levantadas.

Os solos são considerados frágeis para uso na agricultura, pois apresentam baixo teor de nutrientes, de matéria orgânica e de capacidade de retenção de umidade. O sistema atual de produção agrícola do povo Krahô só se sustenta com a derrubada de árvores e posterior queima. As cinzas seriam, então, a fonte

de nutrientes para esses solos. Entretanto, esse sistema não deve perpetuar, uma vez que o recurso vegetal (Cerrado e Mata de Galeria) é finito e ecologicamente inviável.

O conceito de que o desmatamento de Matas de Galeria colocaria em risco a permanência dos recursos hídricos deve ser enfatizado sistematicamente em todas as ações a serem desenvolvidas na terra indígena. Nesse contexto, torna-se imprescindível que conceitos (e ações) de preservação ambiental e opções factíveis de técnicas agrícolas que aumentem a oferta de alimentos (em quantidade e qualidade), sejam oferecidos durante o desenvolvimento do Projeto.

Por sua vez, o desenvolvimento desses conceitos e tecnologias demandam, por parte dos técnicos, tempo de observação e compreensão do *modus vivendi* do povo Krahô, para que gerem ações e tecnologias efetivas, isto é, em condições de serem compreendidas, aceitas e assimiladas por eles. Um dos problemas a ser mais bem equacionado é o intervalo entre o as viagens técnicas que é muito longo. Não nos devemos esquecer de que, o que para nós pode ser um curto período de tempo (delimitado pela duração do Projeto) para eles pode ser muito longo (necessidade de respostas imediatas) e vice-versa.

Transformar o sistema agrícola existente na terra indígena Krahô – Tocantins, em um sistema de manejo sustentável, de baixo impacto ambiental, e que contribua para o bem-estar alimentar da comunidade, sem entrar em choque com os interesses e as tradições culturais desse povo, é instigante e necessário. Na própria Agenda 21, destacam-se, entre suas metas, o reconhecimento e o fortalecimento das populações indígenas e suas comunidades. Esse é um dos caminhos para investi-las de autoridade e de promover o desenvolvimento de mecanismos para a solução das questões relacionadas com o manejo da terra e dos recursos naturais.

Devemos estar conscientes de que existe uma expectativa em relação à resolução de seus problemas mediante a intervenção da Embrapa. A frustração dessa expectativa poderá por em risco qualquer outra ação de desenvolvimento nessa comunidade, seja pela Embrapa, seja por qualquer outra instituição. Assim, o esclarecimento dos nossos objetivos e as perspectivas de realização das metas devem ser continuamente expostos, para não gerar falsas expectativas.

Esta pesquisa inicial de campo trouxe-nos alguns subsídios para a elaboração de estratégias de trabalhos futuros, visando à melhoria do sistema de produção agrícola da comunidade Krahô, sua principal demanda. Entretanto, ainda muito se tem de refletir sobre como fazer essa “interferência”, sem que ela traga inovações tecnológicas que gerem um sistema de produção que não se auto-sustente, com dependências de assistência técnica e de insumos.

Referências Bibliográficas

ALTAFIN, I. Diagnóstico Rural Participativo. Brasília : UnB, 2000. Apostila.

MELLATI, J. C. <http://www.socioambiental.org/website/epi/krahô.htm>.